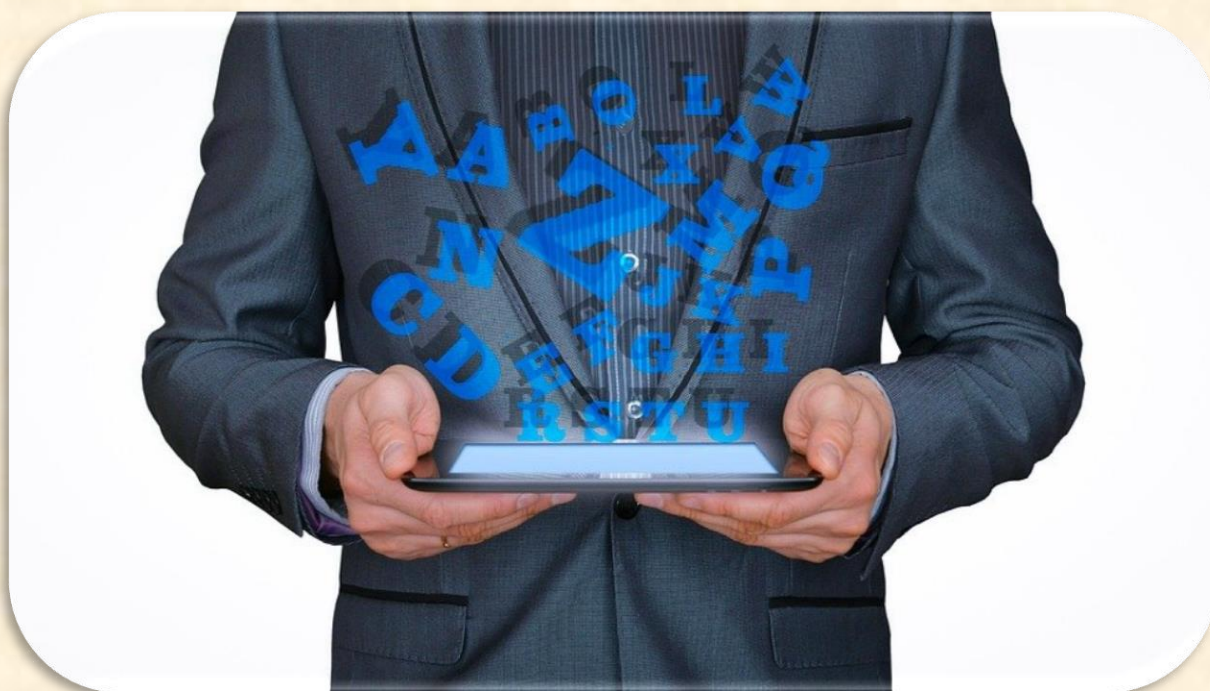




pixabay.com

CONTEMPORANEIDADE TECNOLÓGICA: A LEITURA LITERÁRIA PELO OLHAR DO PÚBLICO JOVEM

Ana Paula Alves Scaramal Sanzovo (UCP/UNIVALE)
Orientadora: Prof^a Dr^a Lucimara Cristina de Castro (UCP/UNIVALE)

1. INTRODUÇÃO

Observa-se que a leitura está presente no cotidiano de forma abundante, por meio de e-mails, reportagens, frases e histórias contadas por amigos nas redes sociais, como Facebook, Twitter, Instagram e WhatsApp. Partindo disto, a presente pesquisa tem o objetivo de compreender como se comportam os jovens contemporâneos em relação à leitura e leitura literária, considerando a tecnologia e suas ferramentas grande influência para esse processo na Era Digital.

Para a realização deste, foi necessário o levantamento de uma pesquisa bibliográfica na qual definimos a leitura e alguns conceitos sobre como ela é trabalhada na escola e dentro de casa. Pontuamos, também, acerca da leitura literária, seus critérios e importância de seu estudo. Na sequência, contextualizamos a Era

Digital, o professor e o jovem contemporâneo. Para que se possa falar sobre a juventude atual é necessário que se entenda o mundo ao qual se está inserido.

Por fim, analisamos dois capítulos da pesquisa Retratos da leitura no Brasil, relevantes para a composição desse trabalho, mais precisamente os capítulos 5 e 6 da pesquisa. Respaldamos que os dados indicados pela pesquisa nacional foram coletados por meio de entrevistas, sendo que, caso fossem via questionário, poderíamos nos deparar com diferentes resultados.

Os apontamentos apresentados pela pesquisa nacional contidos nos artigos analisados, tendem a ser entrecruzados, neste trabalho, com o levantamento da bibliografia já realizada, sendo esta, a leitura, leitura literária e o jovem da Era Digital. Adentrando, dessa forma, em um “mundo novo” da atual geração, indicando e/ou talvez, obtendo uma possível desmistificação, se o jovem da atualidade está lendo em maior ou menor quantidade do que as gerações anteriores e também se o suporte tecnológico tem sido auxiliador para a prática da leitura, prevendo possivelmente, a necessidade de uma nova metodologia utilizada pelas escolas, professores e pais para acompanhar esse avanço.

2. DO CONCEITO DE LEITURA À LEITURA LITERÁRIA

A leitura, desde sempre, formou seus pilares dentro da sociedade e é fonte de inspiração, sabedoria e conhecimento. Ao lermos um texto, constituímos uma comunicação entre tudo o que sabemos e aquilo que o texto nos traz de novo, atribuindo significado ao que lemos, utilizando assim apropriadamente os recursos argumentativos para sustentarmos nossos pontos de vista e criarmos uma conclusão sobre o que foi lido. É a partir dos textos e por meio de textos, sendo um dos elementos constitutivos para a formação do sujeito, que podemos adquirir a competência de operar criativamente, um tipo de saber cada vez mais característico na contemporaneidade.

Segundo Cagliari (2004, p. 150), em seu livro Alfabetização e linguística, “... a leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação ...”. O autor explica que o leitor deve decifrar a escrita e decodificar o texto para que seja possível desenvolver um entendimento e formar seu próprio conhecimento daquilo que foi lido. Tudo isso só será possível se o leitor entender a linguagem oferecida no texto.

Koch e Elias (2013), no livro *Ler e compreender os sentidos do texto*, realçam que a leitura depende daquilo que o indivíduo traz consigo, das suas experiências e do conhecimento que possui. Desta forma, ao pensarmos em leitura, devemos considerar a faixa etária, a cultura em que o sujeito se encontra impermeado, suas vivências, dentre outros fatores, que influenciam no hábito de ler.

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar acaba sendo vista como algo que não é de interesse do sujeito, já que acontece apenas em lugares rígidos e de forma obrigatória, como nas escolas¹. No entanto, se o estímulo à leitura acontece no lar, é mais provável que o leitor tenha facilidade na compreensão de textos.

Para instigar o gosto por ler é importante que além do contato com a leitura, também se tenha contato com pessoas que a estimulem, podendo ser professores, familiares e conviventes de suas rotinas. Contudo, devido a tamanha “concorrência” encontrada na contemporaneidade, como a *internet* e suas mídias, por exemplo, o trabalho para a formação de leitores tem sido designado principalmente à escola, mais precisamente, aos professores.

Lajolo (2000) também comenta sobre essa questão em seu livro *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. Segundo a autora, nem todos têm o acesso à leitura utilitária, nem mesmo aqueles que foram à escola, pois encontramos uma desigualdade na questão da distribuição dos bens culturais, o que nos remete a um possível problema a respeito do acesso da leitura por uma classe social de baixa renda.

O incentivo à leitura, que deveria ser um papel em conjunto de escola e lar, atualmente se encontra como uma atividade somente escolar. Segundo Lajolo (2000, p. 105), “...o ato de ler foi de tal forma se afastando da prática individual que a tarefa que hoje se solicita de profissionais da leitura, como professores, bibliotecários e animadores culturais, é exorcizarem o risco da alienação...”. A autora nos leva a crer que essa medida teve de ser imposta para que haja a prática da leitura por parte dos alunos, remetendo-nos a entender que não há iniciativa da prática de ler vinda dos jovens. Sendo assim, o mediador tratado na citação pode, de certa forma, interferir no significado do texto, dando a sua interpretação pessoal, o que influenciará no objetivo

¹ De uma forma geral, a escola aborda a leitura como atividade obrigatória, mas há respaldos de escolas com propostas diferenciadas quando se trata dessa atividade, como por exemplo, a apresentação de filmes, vídeos, músicas e até mesmo atividades interdisciplinares que podem estimular seu interesse.

da leitura, ou talvez, o mediador (professor) possa incentivar o sujeito (aluno) a dar os passos seguintes por conta própria.

O saber ler é confundido com a possibilidade de se decifrar o escrito. Por isso, procura-se o aperfeiçoamento dos métodos existentes, não percebendo que a leitura possui outra natureza. Segundo Freire (1989):

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, (...) a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescreve-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, 1989, p. 11 e 20).

Assim, o ato de ler, ação de dar sentidos, estimula o leitor a adentrar pela trama do texto, descobrir as estratégias, as relações internas e externas voltadas à construção de sua própria estrutura. E o professor, como motivador e mediador, indispensável no processo ensino-aprendizagem, precisa estar consciente de seu papel na formação do aluno.

Ao se tratar de leitura literária, uma das primeiras concepções para seu estudo é conceituar o texto como uma “obra aberta”. Cada texto nos leva a uma série de sentidos e, desconsiderar isso, é privar o imaginário do leitor e até frustrá-lo. A Literatura não pode ser objetiva e quando a lemos acionamos uma série de vivências, aprendizados e experiências que nos formam sujeitos e se entrelaçam com esses textos:

Se, por não sei que excesso de socialismo ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. (BARTHES, 1979, p. 18).

A importância do estudo da Literatura é para que conheçamos melhor aqueles que nos antecederam, tanto em relação à historicidade, quanto à questão social em que viviam e também sua cultura e, dessa forma, entendermos o presente. De acordo com o autor Fernando Pessoa (1982, p. 392), em o *Livro do Desassossego*, “... a Literatura simula a vida...”, sendo assim, é a partir dela que o homem, por meio da palavra e de sua criatividade, recorta parte da realidade e cria textos que manifestam

o seu discurso, como conceitos encontrados em obras de arte. Portanto, a Literatura é arte e, como tal, é manifestação da alma e inteligência humana

Candido, em *Literatura e Sociedade* (2011, p. 84), afirma que a Literatura é “... um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a ...”. O autor procura tornar explícito as relações entre a tríade autor-obra-público, partindo da hipótese de que, sob tal ponto de vista, a produção da obra literária deve ser inicialmente encarada com referência à posição social do escritor e à formação do público.

Distinguir a linguagem literária da não literária não é uma tarefa simples. Apesar de haver aspectos convergentes nos dois tipos de discurso, Domício Proença Filho (2007), define algumas particularidades que somente são observadas em um texto literário (Complexidade, Multissignificação, Conotação, Liberdade na criação e Variabilidade). Portanto, ao nos referirmos ao texto literário neste trabalho, nos embasaremos na definição do autor.

A linguagem literária pode ser encontrada em vários gêneros como na prosa, nas narrativas de ficção, na crônica, no conto, na novela, no romance e nos poemas. Compreendê-la demanda cuidado e senso estético para interpretar e analisar esse tipo de discurso que foge das convenções e oferece o que a arte da Literatura tem de melhor.

Diante disso, a Literatura transformou-se, ao longo do tempo e em várias partes do mundo, em disciplina escolar, dada a sua importância para a língua e a cultura de um país, assim como para a formação de jovens leitores. Dentre os desafios do professor contemporâneo de Literatura, pode-se apontar a ajuda para a elaboração e interpretação dos alunos sobre o texto, sem descartar aquilo que já trazem consigo. O professor deve colaborar com os alunos, visando à construção/reconstrução de interpretações e não simplesmente apresentando leituras já prontas.

Através de uma experiência de leitura acumulada e de posse de estratégias de ensino polemizantes, [o professor] pode promover um trabalho criativo, de sentido coletivo, encorajando os alunos a comentarem os textos do ponto de vista temático e formal e a cotejarem esses aspectos em obras de variada procedência histórica e geográfica, sem submeterem-se a eles como verdades definitivas (AGUIAR; BORDINI, 1988, p. 40).

Para o estudo da Literatura, não se pode descartar a leitura realizada pelo aluno que está construindo sua interpretação a partir, muitas vezes, de um único contato com o texto e, por outro lado, a leitura do professor, em que entram fatores mais complexos, como o conhecimento maior da linguagem utilizada, do contexto histórico e da teoria e críticas literárias. É justamente a partir dessa interação do aluno com textos que o estudo da Literatura em sala de aula torna-se significativo.

A presença da leitura literária, por si só, nas práticas docentes, não garante que os alunos irão obter a habilidade da leitura. O uso que se faz da leitura literária ainda é o foco principal do conhecimento conduzido do texto literário para a sala de aula; ou seja, o aluno relaciona-se com a leitura literária, mas também, encaminha-se para uma concepção ampla da Literatura, a ponto de compreendê-la não só como arte, como de maneira crítica e política.

É justamente por isso que o texto literário apresenta peculiaridades próprias, inerentes ao desenvolvimento da leitura. Ele vem a ser fonte de conhecimento e desenvolvimento da criticidade e ao mesmo tempo, de diversão e prazer. Uma vez conquistada a atenção por meio de textos literários, a leitura flui facilmente, assim como a compreensão textual.

3. ERA DIGITAL: UM TEMPO DE MÚLTIPLAS LEITURAS

Era digital ou Era da Informação são termos frequentemente utilizados para designar os avanços tecnológicos do século XXI. Termos esses, fortalecidos a partir de um processo decorrente no tempo, que remete às origens da industrialização da sociedade civilizada (BAUMAN, 2001).

Houve um tempo em que conceitos eram “sólidos”, marcando ideias, ideologias, relações, blocos de pensamento moldando a realidade, interação entre as pessoas, estruturas sociais mais rígidas e inflexíveis, enfim, um mundo de certezas. O século XX, com suas conquistas tecnológicas, embates políticos e guerras viu o declínio desse mundo “sólido”. A Pós-modernidade traz o “líquido”, ignorando divisões e barreiras, assumindo formas, ocupando espaços, diluindo certezas, crenças e práticas.

A relação entre o “mundo sólido” e o “mundo líquido” é linha de pensamento de Bauman. O autor se baseia na construção de um conceito sócio histórico de

modernidade, que percorre um enorme período da história humana e, da mesma forma, marca mudanças no pensamento e nas relações entre seres humanos e instituições sociais. A modernidade entrou em uma fase de privatização e individualização, em que a sólida e concreta tradição está em decadência nessa nova era:

O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (BAUMAN, 2001, p. 12).

É nesse contexto de transformações digitais e de relações líquidas que se encontra atualmente o público jovem da atualidade. Pensar o jovem na atualidade implica considerá-lo como um sujeito com valores, comportamentos, visões de mundo, interesses e necessidades singulares. Ser jovem é estar imerso em uma sociedade com processos transitórios, a partir de uma nova conjuntura familiar, política e social estabelecida, estar dentro de conceitos e formas amplas e diversas de leitura do mundo (DAYRELL, 2003). Com o passar do tempo, novas descobertas, novas pesquisas, novos olhares foram tomando conta desses grupos e das comunidades. O jovem da atualidade e seu comportamento refletem o mundo contemporâneo que, com suas características, interfere diretamente no modo de agir, de pensar e falar dessa juventude. Independentemente de sua condição social, podemos dizer que todos são afetados tendo em vista a globalização e, por consequência, a expansão do capitalismo.

A esse jovem dá-se a característica da chamada “Geração Z”, também conhecida como “*Gen Z*”, geração de pessoas que nasceram entre o início dos anos 90 e final da primeira década do século XXI, período da ascensão da *internet* e do crescimento das novas tecnologias digitais, como os *smartphones*, *videogames* e computadores, por exemplo.

Em termos de gerações, a divisão entre os “nativos” que nasceram em meio à Era Digital e aqueles que nasceram antes dela pode parecer um abismo, tratando-se tanto da manipulação das novas tecnologias quanto também de valores sociais (CHARTFIELD, 2012). O sujeito nascido nessa nova geração já não consegue imaginar viver em um mundo em que as pessoas não estejam conectadas virtualmente em um ambiente *on-line* e com interações instantâneas de informações. Para Prensky (2001), as crianças contemporâneas já nascem em um mundo caracterizado pelas tecnologias e mídias digitais e teriam portanto, seu perfil cognitivo possivelmente alterado, com estruturas cerebrais diferentes, capazes de realizar muitas tarefas ao mesmo tempo e mais autorais do que as gerações anteriores.

[...] é bem provável que as mentes de nossos alunos tenham mudado fisicamente – e sejam diferentes das nossas – sendo resultado de como eles cresceram. Mas se isso é realmente verdade ou não, nós podemos afirmar apenas com certeza que os modelos de pensamento mudaram. (PRENSKY, 2001, p. 01).

Ciriaco (2009) também denomina a geração Z como a Geração silenciosa, pelo fato de estarem sempre de fones de ouvido (seja em ônibus, universidades, em casa...), por escutarem pouco e falarem menos ainda. Em consequência, essa geração pode ser definida como aquela que tende ao egocentrismo, pois o adolescente tende a preocupar-se somente consigo.

O autor acrescenta que os problemas dessa geração são relativos à interação social e a um desenvolvimento interpessoal defasado. Muitos adolescentes sofrem com a falta de expressividade na comunicação verbal, o que causa diversas dificuldades. Podemos relacionar com o fato de que o jovem sinta maior liberdade e necessidade de expressão e comunicação por trás de uma tela virtual.

Essa realidade atual da juventude impõe aos educadores que suas metodologias de ensino sejam revistas. É preciso repensar sobre como ensinar o conteúdo herdado e o novo conteúdo em uma linguagem adequada para a nova geração. É de extrema importância que os profissionais da educação estejam cientes de que a sociedade muda e que o mundo, a cada geração, exige que novas habilidades e competências sejam consideradas no currículo. E até essa concepção oferece desafios constantes capazes de intimidar o mais experiente e esclarecido profissional, a ponto de alimentar a sensação de uma virtual impotência didática.

Ao professor atual, cabe a percepção de que o progresso, a mudança do “mundo sólido” para o “mundo líquido”, tanto quando tratamos de científico, quanto tecnológico, prossegue numa velocidade própria e cuja influência é real e atuante sobre o corpo discente, muito mais sensível às novidades que a geração atual. Tal facilidade de adaptação à evolução é típica da juventude, ainda que em um aspecto mais próximo do mercado de entretenimento. Segundo Lévy, em seu livro *Cibercultura*:

A demanda de formação não apenas conhece um enorme crescimento quantitativo, ela sofre também uma profunda mutação qualitativa no sentido de uma necessidade crescente de diversificação e de personificação. Os indivíduos toleram cada vez menos seguir cursos uniformes ou rígidos que não correspondem a suas necessidades reais e às especificidades de seu trajeto de vida. Uma resposta ao crescimento da demanda com uma simples massificação da oferta seria uma resposta “industrialista” ao modo antigo, inadequada à flexibilidade e à diversidade necessárias de agora em diante (LÉVY, 1999, p. 169-170).

Nessa linha de raciocínio, é até prepotente estereotipar o jovem como fútil, submetido às superficialidades da tecnologia tais como o universo dos *videogames*, cujo mercado vem crescendo juntamente com a globalização econômica.

Sendo assim, a aquisição de portáteis eletrônicos tais como *mp4*, celulares e *mini games* pelos jovens e a desenvoltura de como lidam com esses instrumentos reflete na dinâmica da sala de aula. Podemos até afirmar que a maneira de lecionar, com os alunos em fileiras e em silêncio, é cada vez mais mal vista por muitos profissionais da educação. Tal ideia nos leva a uma seriedade atual, à crença de que os envolvidos no processo de ensino estão sujeitos à adaptação urgente das metodologias, sob pena de sofrerem maiores dificuldades no cotidiano de trabalho e de se tornarem ultrapassados.

[...] a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita pela forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento (LÉVY, 1999, p. 171).

Afinal, o acúmulo de conhecimentos da civilização humana cresce gradativamente a cada ano e saber conduzir tal montante nas aulas é necessário, sendo incluído a esse saber, o professor de Literatura contemporâneo. Cabe a ele o

conhecimento das novas tecnologias e suas ferramentas com a finalidade de que a transmissão do conteúdo esteja adequada à linguagem de seus alunos.

As ferramentas para a leitura digital, livros digitais, livros eletrônicos ou e-books são todos sinônimos de uma inovação relevante nos dias atuais e trazem consigo uma série de conceitos importantes. São ecologicamente corretos, versáteis na atualização e interação com o leitor, além de possuírem alto poder de distribuição e custos mais favoráveis, fatores estes que os tornam mais acessíveis em comparação com os livros impressos. Todas essas características levam-no a despontar como o futuro do livro. A principal vantagem para quem o utiliza e para quem produz é a sua usabilidade e dinamismo, possuindo diversos recursos que permitem uma interação mais ampla do leitor com o conteúdo. Hoje, o livro digital pode possuir ilustrações, animações dinâmicas e interativas. Além de ter um grande aliado que é a portabilidade, eles são facilmente gravados e transportados em tablets, cd-rom, pen-drives e cartões de memória.

Outra vantagem é o preço. Em alguns casos, o custo de produção é mais baixo, em outros, pode ser mais alto dependendo do grau de recursos interativos a que se propõe a obra. Mesmo assim, o valor de venda final ao leitor é inferior: um livro digital de alto padrão pode chegar às mãos do leitor por um valor até 60% menor que um livro impresso. Além disso, o leitor conta com a opção do aumento da fonte do texto que está lendo e poder controlar a luz que a tela reflete para que haja maior conforto durante o procedimento da leitura.

Assim, seguindo com a evolução do livro para o livro digital, no artigo *Literatura e interatividade*, de Spalding, o autor realiza uma abordagem sobre esse tema em que faz uma análise sobre obras literárias e poemas que estão sendo digitalizados. Em sua pesquisa, o autor nos relata que:

A questão [...] não é se a Literatura irá existir no próximo milênio (o nosso milênio), e sim *onde* ela existirá, convertendo-se numa das poucas vozes a defender a permanência do conceito de Literatura para as manifestações textuais das novas mídias, pois os demais autores, de uma forma ou de outra, demonstram mais preocupação com o futuro do objeto livro do que com a Literatura em si. (SPALDING, 2009, p. 02).

A partir desse viés, cada vez mais nos deparamos com livros digitais os quais, por sua vez, são encontrados com uma maior facilidade de acesso, comparados aos livros impressos e contendo suas obras adaptadas em um atrativo “moderno”.

Contudo há uma resistência ao novo que é gerado pelo medo de que uma nova tecnologia possa substituir algo que seja considerado precioso, “frui-se sem criticar aquilo que é convencional; o que é verdadeiramente novo é criticado com repugnância” (BENJAMIN, 2005, p. 244).

O mundo virtual oferece novas interfaces literárias e da mesma forma que, no passado, a Literatura se viu transformada com o advento do texto impresso, o texto digital tem revolucionado as práticas literárias do homem contemporâneo. Os textos convencionais têm sofrido modificações significativas com o surgimento do livro digital e da *internet*. Novas possibilidades de textos se revelam no ciberespaço, influenciando na construção de um leitor com perfil mais ativo frente ao que se lê.

4. UMA ANÁLISE DA PESQUISA RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL

Com base pesquisa realizada (2016), Retratos da Leitura no Brasil, pelo Instituto Pró Livro, analisaremos, primeiramente, o capítulo 5, Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. Segundo a pesquisa, os jovens (a faixa da população com 11 a 13 anos, mais a faixa com 14 a 17 anos) constituíram 13% dos entrevistados; ou seja, aproximadamente 400 jovens. Em números absolutos, esses 13% representam cerca de 24.414.394 jovens de todo o país, um número considerável de brasileiros (CECCANTINI, 2016).

Partindo dessa totalidade de jovens, 84% daqueles que têm de 11 a 13 anos se declaram leitores e 75% daqueles com 14 a 17 anos também informaram ser leitores segundo o critério adotado pela pesquisa, ou seja; considera-se leitor quem leu ao menos um livro, inteiro ou em partes, nos últimos três meses, que nos encaminha a um total bastante significativo de cerca de 19.155.909 leitores jovens. Esses percentuais revelam-se superiores, se comparados aos da população brasileira como um todo, apontados em 56% de leitores (CECCANTINI, 2016).

Há sim uma parcela de jovens que reconhece ler por razões pragmáticas, porém, há também aqueles que, quando indagados sobre a motivação que os levam a leitura, apontam razões fora da esfera utilitária para ir até os livros. 58% dos jovens da faixa de 11 a 13 anos dizem ler por “gosto” ou em busca de distração, em oposição a 37% que apontam a utilização da leitura para “atualização cultural”, “conhecimento geral”, “crescimento pessoal”, “motivos religiosos” e “exigência escolar ou do trabalho”. Na

faixa entre 14 e 17 anos, a leitura “desinteressada” corresponde a 48% dos entrevistados, enquanto os que apontam a leitura “utilitária” somam 42% (CECCANTINI, 2016).

Percebe-se portanto, que, no caso dos dois grupos, prevalece a motivação da leitura prazerosa. Ideia essa reforçada quando questionados sobre a frequência com que leem livros de Literatura por vontade própria. O percentual da faixa dos 11 aos 13 anos que lê todos os dias ou ao menos uma vez por semana é de 37% e o da faixa entre 14 a 17 anos é de 33%, isso em contraste com o percentual de 19% da população em geral. Tais dados fazem-nos pensar no que diz Candido (2011), que a inserção da leitura literária está relacionada ao processo de formação geral do sujeito, obtendo dessa forma, tanto uma melhor capacitação para práticas sociais, como o prazer do ato de ler, não sendo a leitura tratada exclusivamente como obrigação escolar.

Segundo a pesquisa, de 2007 a 2014, o número de exemplares de livros juvenis produzidos no país cresceu cerca de 135,61%:

Deve-se destacar que o crescimento desse segmento, tanto no que se refere ao número de títulos de Literatura juvenil disponibilizados quanto ao número de exemplares produzidos, deveu-se às vendas para o mercado, mas também ao incentivo advindo de grandes vendas ao governo (em nível municipal, estadual e, sobretudo, federal) por meio de programas como o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola). O PNBE adquiriu, em anos intercalados, milhões de livros juvenis, distribuindo-os a escolas públicas de ensino fundamental II e de ensino médio de todo o território nacional ao longo de uma década aproximadamente, numa iniciativa que, certamente, começa a mostrar, de forma gradual, alguns resultados positivos quanto à formação de leitores, embora haja muito ainda por fazer (CECCANTINI, 2016, p. 88).

Para darmos segmento à análise dos dados que a pesquisa nos revela, é necessário pensar a leitura no conjunto de práticas culturais em que o jovem contemporâneo está envolvido, como já dito antes. Essas são consideradas complexas e múltiplas e se apoiam fortemente num processo lúdico e de socialização, justificado pelo envolvimento da globalização. Em outras palavras, dificilmente um jovem lê um livro “isoladamente”, tanto no sentido de ler e se restringir ao livro, quanto ao sentido de ler um livro na solidão e apenas para si mesmo, diferentemente do que nos aponta o autor Ciriaco (2009), citado antes neste trabalho, que nos indica problemas referentes à geração Z relativos à interação social. Sendo possível, talvez, que a leitura seja uma ponte para a socialização do jovem contemporâneo.

A leitura de um determinado livro passa a atender a certa necessidade de pertencimento a um grupo de identidade a fim, de integração a uma mesma “tribo” que tem gosto e atitudes semelhantes, que consome um mesmo tipo de gênero ou subgênero literário, que se entrega a certa tendência musical, em que a escolha da roupa e o tratamento dado ao corpo se equiparam.

Os livros mais lidos hoje pelos jovens costumam estar associados a fenômenos culturais que não se limitam somente ao livro material, mas envolvem adaptações e recriações variadas, como filmes, vídeos, peças teatrais, música, *videogames*, moda, histórias em quadrinhos, TV, *sites*, espetáculos, multimídia, aplicativos, enfim, uma grande diversidade de produtos que vinculam cultura e consumo e transitam entre linguagens e suportes, fundindo-se variadas modalidades (CECANTINI, 2016). Os jovens utilizam de recursos midiáticos buscando essa “socialização”. Assim, são produzidos *fanzines*, *blogs*, *vlogs*, *sites*, *fanfics*, eventos de *cosplay*, entre outros grupos.

Assim como apontado anteriormente nesse trabalho pelo autor Prensky (2001), os “nativos” da linguagem digital não conseguem imaginar como seria viver sem a tecnologia oferecida pela Era Digital e é por esse meio que ocorre a construção social. Por intermédio da comunicação e interação por vias digitais que o jovem se encontra instruído de eventos como, datas de lançamentos de livros de seus autores prediletos e noites de autógrafos, assistem a entrevistas, vão a bienais.

Nesse contexto, livros e leitura passam a ter um valor simbólico positivo e agregador: a Literatura se demonstra “na moda” e deixa de ser vista como atividade escolar. Dessa forma, em uma lógica de “socialização” das leituras realizadas que germinaram, podemos citar os *booktubers*, jovens que por meio de redes sociais, dão dicas para outros jovens sobre livros, lançamentos editoriais, títulos associados a determinados gêneros literários, etc.

Partimos em sequência para o capítulo 6 da pesquisa, O que os livros digitais representam para o aumento da leitura? O que diz a Retratos da Leitura sobre quem lê nesse suporte?. Vale frisar que, para essa segunda parte da pesquisa, tratamo-nos do público geral dos entrevistados, não somente o público jovem.

Segundo a pesquisa, apenas 56% leram algum livro por vias digitais nos últimos três meses, sendo assim considerados leitores, e apenas 30% disseram “gostar muito” de ler. Em um primeiro momento, isso pode levar à possível conclusão de que a leitura

digital leva o indivíduo a ler mais ou a gostar mais de ler, mas na realidade, acontece justamente o contrário, os e-books e a leitura digital atraem em um primeiro momento aqueles que leem mais, os considerados leitores assíduos (CARRENHO, 2016).

A pesquisa aponta que o número de pessoas que já usaram a internet cresceu de 81 milhões em 2011 para 127 milhões em 2015 (CARRENHO, 2016), o que nos retoma ao pensamento de Bauman (2001), sobre a fluidez do “mundo líquido” a qual vivemos, as mudanças no pensamento e nas relações entre os seres humanos e as instituições sociais. A concepção do uso da internet, por não se tratar de algo “sólido”, mostra-se cada vez mais presente na vida contemporânea, um exemplo das relações humanas neste mundo moderno é o crescimento de redes sociais e o fato de não precisarmos mais sair de casa para efetuarmos uma compra ou pagar alguma conta, sendo possível realizá-los com apenas alguns “cliques” no mundo virtual; ou seja, no mundo “não concreto”.

É importante ressaltar que 19% dos usuários de internet a utilizam para compartilhar textos e informações sobre livros e Literatura em blogs, fóruns e mídias sociais. Isso mostra que os internautas brasileiros não só querem ler, como querem escrever na grande rede (CARRENHO, 2016).

Observamos na atualidade, por exemplo, uma grande quantidade de escritores de minicontos incentivados por redes sociais como o Twitter, em que há uma limitação de 140 caracteres para se publicar o que deseja:

A conclusão é que há um potencial enorme para o crescimento da leitura em suporte digital, pois uma grande parcela da população já lê – e escreve! – em tela e não parece se importar muito com isso. Claro que há um salto considerável entre a leitura de textos curtos e a de textos longos, como livros. Mas, ainda assim, com tanta utilização da rede para a leitura – e escrita –, ainda que de textos menores, é difícil imaginar que exista alguma barreira intransponível ou muito difícil para o suporte digital (CARRENHO, 2016, p. 104).

Entre os que já leram um livro digital, 56% fizeram isso no celular ou no smartphone, sendo este último o dispositivo mais utilizado. A coleta desses dados nos comprovam que somente leitores assíduos fazem a utilização de ferramentas apropriadas para a leitura digital. A edição de 2015 da pesquisa Retratos da Leitura traz alguns dados que corroboram a necessidade de um acesso maior aos livros.

Entre os leitores, as razões apontadas para não lerem mais incluem a falta de bibliotecas por perto, com indicação de 8% dos ouvidos; o alto preço dos livros, com 7% dos entrevistados e a falta de lugar onde comprar, com 3% (CARRENHO, 2016). Motivos esses que seriam facilmente resolvidos pelo acesso econômico e geográfico do livro digital. 17% dos entrevistados apontam como dificuldade para a leitura problemas de visão ou outra limitação física (CARRENHO, 2016).

Entre os entrevistados, 9% dos leitores realizam download de livros pela internet e 15% dos consumidores de livros adquirem seus livros pela internet; ou seja, já existe a predisposição, ainda que em pequena parcela, de buscar o acesso digital aos livros em lojas virtuais. Entre os compradores de livros, as três primeiras motivações para escolher o local de compra de livros incluem preço, com 42%; variedade, com 21% e comodidade ou proximidade, com 20% (CARRENHO, 2016).

Portanto, a partir dos dados coletados pela pesquisa nacional, observamos que a tecnologia do livro digital não auxilia ao incentivo à leitura de jovens:

Em minha opinião, os livros digitais per se não aumentam os índices de leitura. Eu não acho que a mudança de suporte seja um grande atrativo para transformar o não leitor em leitor. Não acho que, porque um livro possa ser lido no mesmo dispositivo onde é possível se distrair com um jogo, o usuário se sentirá atraído para a leitura. Em outras palavras, o garoto que preferia jogar futebol do que ler livros de papel também não deixará de jogar videogames para ler e-books – e o exemplo pode ser ampliado para outras faixas etárias. (CARRENHO, 2016, p. 104).

Os livros digitais podem não formar novos leitores, mas oferecem acesso às melhores condições de desenvolvimento da leitura para aqueles que buscam por conteúdo de qualidade e de entretenimento a partir do momento em que são utilizados e manuseados corretamente para esses fins. Mais do que qualquer coisa, o livro digital é acessível e pode ser um grande aliado ao incentivo de jovens leitores. Porém, como nos aponta o autor Benjamin (2005), já citado nesse trabalho, o livro digital, assim como o “novo”, ainda enfrenta resistências, possivelmente por apego do público aos antigos métodos da leitura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos apresentados e da análise realizada com a pesquisa nacional do Instituto Pró-Livro, observamos que o comportamento do jovem da atualidade em relação à leitura e leitura literária não pode ser diagnosticado como predito, contrariando o dito popular de que a juventude não tem lido ou não gosta de ler. Os jovens apresentam um maior interesse pela leitura e Literatura do que se constava há alguns anos e as tecnologias e suas ferramentas permitem esse maior contato, o que os torna integrantes de grupos sociais com os quais se identifiquem. É preciso frisar que a pesquisa apresentada pelo Instituto Pró livro, analisada nesse trabalho, foi realizada em forma de entrevista e que por essa razão, os entrevistados podem sentir-se pouco à vontade e, muitas vezes, omitirem informações ou criar uma imagem que seria o “ideal” de conduta. Há a possibilidade de que caso a pesquisa fosse realizada por meio de um questionário anônimo, os resultados nos indicariam índices diferentes do obtido pelos entrevistados, oferecendo-nos abertura para outras possíveis conclusões.

Percebemos, igualmente, que não é possível alcançar esse jovem somente adentrando no mundo da tecnologia, mas precisamos, além de tudo de uma melhor divulgação dos meios e ferramentas que possibilitam a leitura digital e trazê-los à nossa realidade. A prática da leitura literária pelos jovens, tanto em suas casas, quanto na vida escolar necessita da utilização de novos métodos por parte dos professores e pais.

Estamos vivenciando um momento em que a leitura está em toda parte, em uma abundância de gêneros que demonstram a ebulição tecnológica. Essa agilidade de informações que o ambiente digital nos permite ter possibilita que os saberes sejam revistos e reconstruídos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. Teixeira.; BORDINI, M. da Glória. Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1988, p. 40.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad.: L. Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1979, p. 18.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001, p. 12.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: **Teoria da cultura de massa**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 7ª ed. São Paulo: Editora Paz e terra, 2005, p. 244.

CAGLIARI, L. Carlos. Alfabetização e Linguística. 10ª ed. São Paulo: Editora Scipione, 2004, p. 150.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. 12ª ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2011, p. 19-21 e 84.

CARENHO, Carlo. O que os livros digitais representam para o aumento da leitura? O que diz a Retratos da Leitura sobre quem lê nesse suporte? In: Retratos da Leitura no Brasil. Disponível em:

<http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf> Acesso em 01 de outubro de 2017.

CECCANTINI, J. Luís. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. In: Retratos da Leitura no Brasil. Disponível em:

<http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf> Acesso em 01 de outubro de 2017.

CHARTFIELD, Tom. Como viver na era digital. Disponível em:

<<http://lelivros.org/book/baixar-livro-como-viver-na-era-digital-tom-chatfield-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>>. Acesso em 30 de setembro de 2017.

CIRIACO, Douglas. O que é a geração z? Disponível em:

<<https://www.tecmundo.com.br/curiosidade/2391-o-que-e-a-geracao-z-.htm>> Acesso em 20 de setembro de 2017.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista brasileira de educação, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04>>. Acesso em: 23 de outubro de 2017.

ILHO, Domício Proença. A Linguagem Literária. 8ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2007, p. 40-49.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1989, p.11 e 20.

KOCH, I. Villaça; ELIAS, V. Maria. Ler e compreender os sentidos do texto. 3ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 11-12.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2000, p. 105.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 169-171.

PESSOA, Fernando. Livro do desassossego por Bernardo Soares. Ed. Jacinto Prado Coelho. Lisboa: Editora Ática, 1982, p. 392.

PRENSKY, Marc. Nativos Digitais Imigrantes Digitais. De On the Horizon NCB University Press, Vol. 9 No. 5, outubro, 2001. Disponível em:

<<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/38516548.pdf>>. Acesso em 20 de setembro de 2017.

SPALDING, Marcelo. Literatura e interatividade: do jogo da amarelinha ao jogo do chá. In: Luiz Antonio de Assis Brasil (Org). Escrita Criativa. 1ª ed. Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2012.